

O LUGAR PRÓPRIO DA RAIZ NO QUE SE FAZ DE UM PAÍS

Luiz Paiva de Castro

“Canto de Amor ao Ceará”, de Artur Eduardo Benevides, Coleção Alagadiço Novo. Edições Universidade Federal do Ceará - Fortaleza-Ceará — 1985).

Há, na poesia brasileira, um movimento que se faz devagar, sem manifestos ou cruzamentos demarcados de poder ou glória, oposto ao movimento das vanguardas que tomaram pé no desenvolvimento tecnológico surgido no governo de Juscelino Kubitschek, fazendo a mesma demarcação Oswald-Mário de Andrade, de décadas anteriores, desde a semana de Arte Moderna e que se confundiu com a contradição, na revolução de trinta, entre João Pessoa — Getúlio Vargas, aposando-se este da revolução de 30 para desvirtuar fundamentalmente uma nova república, ligada ao campo. A demarcação, na época de Juscelino, está ligada à própria divisão existente à necessidade de ele usar meios tecnológicos e inflacionários para levar a capital federal até o interior (não a cidade de Brasília que se formou depois, nos últimos quinze anos) e, de outro lado, a conservação plena de sua raiz diamantinense e de sua brasilidade, na sua própria simplicidade, valorização do homem brasileiro e de sua contínua ligação com Minas, e com esta origem tijuicana, em toda sua cultura de garimpo, seresta e bastante interessada na globalidade brasileira. Se, na época, houve uma divisão radical, optando alguns poetas pelo concretismo e outros movimentos similares, chamados por eles mesmos de vanguarda, outros poe-

tas, de geração de 45, a maioria, seguiram o seu próprio caminho. O outro lado de divisão ficou com os poetas que entraram na linha de participação social como alternativa poética contra o esvaziamento da palavra, do discurso e de nossa raiz brasileira, pelo concretismo e outros movimentos poéticos, adeptos ostensivos de um progresso que não lidava com a nossa ecologia ou as nossas raízes sul-americanas, com o desenvolvimento tecnológico pré-cabralino e pré-colombiano, de características fortes em termos de colonização, nas culturas mais voltadas para o poder e a colonização, mas sem agredir e a natureza tropical do continente.

Havia, no entanto, neste radicalismo artificialmente criado, onde a geração de 45 parecia a olhos menos atentos apertada e, injustamente, desvalorizada, na época, além dos poetas, de mais tempo e obra, que seguiam o seu próprio caminho, outros poetas que, não aceitando o concretismo e a vanguarda formal introduzida como continuação da propaganda e de significantes vazios nas grandes cidades, não aceitavam como *verdade* a "poesia para as massas", como um princípio senão temporal, e por isso pudessem previamente, pelo princípio da realidade, calcado no radicalismo implantado naqueles anos e como contingência de uma determinada época histórica.

Os últimos vinte anos de obscurantismo cultural sepultaram o concretismo e outros movimentos de vanguarda, inclusive pela verdadeira noção adquirida pela experiência concreta, de forma tecnológica, a tecnocracia em execução, vista como forma de esvaziamento de conteúdos, e o vazio de páginas em branco ficou mesmo como o vazio do que não se disse e o não-verbal existente no ser e necessário. Esta tragédia cultural (e econômica) que se abateu sobre a noção esvaziou também, por mais contraditório que isto possa parecer, aparentemente, a poesia política participante dos anos 60. A poesia continuou, sem dúvida, na mesma geração de 45 seguindo os seus caminhos, os poetas já definidos anteriormente na saga do seu caminho próprio, um a um, os poetas da chamada geração de 60 se individualizando, e ganhando terreno no meio de uma violenta competição estabelecida nos meios de comunicação, nas editoras, nos órgãos de subvenção estatais, etc. e uma outra parte de escritores, diante de tantas dificuldades, optando por caminhos "fora", se intitulado poetas "marginais" ou se associando em cooperativas informais para a venda de seus livros, sem suporte

de livrarias, de universidades ou de informações em jornais, ou de porta em porta, comercialmente. Muitos destes poetas, da colheita mais informal, têm seu lugar e dependem agora de uma apresentação mais definida e ampla de seus livros, de sua obra, para que se possa, pelo menos entre o público ligado mesmo à poesia, fazer as diferenciações, já que a crítica literária talvez tenha sido o lugar de maior dano na cultura da arte escrita, nos últimos anos. Falta espaço para os críticos com peso de críticos, nos jornais, e faltariam críticos novos em número suficiente, no seu peso e diversificação necessários, se houvesse este espaço, embora pelos interiores, nas universidades, muito se escreva e leia sobre a poesia brasileira. Isto se faz uma questão a saber, e talvez uma boa surpresa se, adiante, os jornais e revistas derem um espaço maior e livre (fora da ligação direta com as editoras) para que a crítica literária de novo se desenvolva no Brasil, embora tenha ele se mantido em muitos jornais do nordeste, norte e Minas Gerais.

A divisão de águas entre os vanguardistas e os poetas ligados ao lugar, à raiz, desfeito o radicalismo da época Jânio e Jango, de maneira infeliz para os brasileiros, guardando-se, na memória, a falsidade deste radicalismo, pode-se ver, clara, na obra de Sousândrade. Sousândrade, "redescoberto" pelos concretistas, é um Sousândrade válido mas parcial e nada tem, na forma em que foi apresentado nesta "redescoberta", com o Sousândrade de *O Guesa*, Edições Sigge, dirigida por Jomar de Moraes (São Luiz, Maranhão, 1979), de grande força épica e ligado, fortemente, às raízes maranhense (Guimarães) e brasileira (e sul-americana mesmo).

Neste ponto, está a substância deste movimento anônimo, posição em extensão geográfica e histórica, feito por poetas cuja interligação é uma consciência da proximidade de seus trabalhos na literatura brasileira, embora feitos, inteiramente, por caminhos próprios. Não há aqui, pelo menos, uma publicação comum que os enfeixe. Torna-se, assim, parecido com as marés de São Luiz, principalmente as da praia da Raposa, onde se anda muitos metros pelo mar, na maré baixa, e algumas horas depois, e principalmente à tarde, se vê todo este largo espaço ocupado por um mar bravio, forte e belo.

Movimento é o que se move e esta interligação de poetas de várias procedências, ligados à raiz regional e à intenção de um país brasileiro, pode ser vista análoga ao movimento das marés e da lua, dos buracos negros e de energias

derramadas no cosmos e nos sistemas planetários, sem condições de avaliação pelos meios tecnológicos atuais. O movimento anônimo vago vindo a partir da década de 60, principalmente, embora se possa detectá-lo anteriormente, e este paralelismo, hoje em dia, pode ser, perfeitamente, confirmado num regionalismo que não se acaba no regional, numa raiz que procura o ar global da nacionalidade, preservando cada situação concreta existente, sem qualquer idéia absoluta de que o país se fará com o que vem de fora como se o que estivesse aqui dentro de nós brasileiros de nada valesse como cultura própria a caminhos próprios. O povo não é um nome, uma massa informe para o uso por pseudolíderes, ou uma poesia que a isto ajuda, panfletariamente. E esta poesia de raiz e intenção nacional, entre muitos caminhos válidos de se fazer poesia, usados também por esses poetas do movimento anônimo como movimento e demarcado como expressão pessoal de seus participantes, se assim os podemos chamar, mostra toda sua alma e peculiaridade e de cultura, histórica e geográfica.

Não é por acaso, portanto, que Artur Eduardo Benevides dedica seu livro a poetas, entre amigos do Ceará, a Fernando Mendes Viana, de lugar preciso na poesia brasileira, e que mantém viva a sua raiz brasileira, no Maranhão, no Rio de Janeiro, em Brasília e em Minas Gerais (Diamantina). O Maranhão está nele como um barro de origem (*Proclamação do Barro*). Neste livro, fundamental, e em outros, como crítico e homem epidérmico da poesia brasileira, está sempre ligado ao que se move dentro do país, do homem, numa poesia e vivência poética de grandeza maior e permanente.

São vários os poetas assim e que poderiam constar deste movimento embora não seja nossa intenção neste trabalho fazer um levantamento assim, trabalho de pesquisa para uma equipe e por largo tempo, e não temos nenhuma procuração de qualquer poeta supracitado de que confirme ou aceite as ligações aqui feitas. A obra poética de quem segue caminhos próprios é complexa e até mesmo formalmente pode o poeta não interessar-se por sua aproximação de qualquer posição. Do ponto de vista do conteúdo, o problema seria maior. Sendo poetas de caminhos próprios, na sua obra há diversos caminhos, e poderiam não desejar qualquer valoração específica de um ponto de sua obra ou não distinguir este enfoque poético sobre outros existentes. Cecília Meireles poderia não valorizar mais o *Romanceiro da Inconfidência* a

belos poemas intimistas ou de qualquer outra natureza, existentes em sua obra. De acordo com esta posição de qualquer poeta aqui citado ou não citado, posição que é a minha mesmo como escritor, não vejo razão para não detectar, mesmo que para fins meramente didáticos, estas aproximações, ligações à distância, correlações e afinidades, decorrentes de um paralelismo muito auspicioso para a nacionalidade. Não consideremos também aqui o chamado tropicalismo de Caetano e música de Milton Nascimento. Definiram-se.

No próprio Ceará, além de Artur Eduardo Benevides, podemos citar (e sempre sem qualquer intenção de dar um número de grandeza ao nome e não desconhecer a possível existência de muitos outros nomes de poetas, não mencionados aqui), vencedor do prêmio bienal de poesia da Nestlé, Francisco Carvalho. Não há, pois, nenhuma idéia de filiação. Por associação contígua e imediata, podemos lembrar outros nomes, a que se pode — qualquer um — incluir outros, da mesma força de raiz e nacionalidade, conservando-se sempre uma riqueza de homem brasileiro, na sua desdita atual, pela noção clara de que este país já foi mais íntegro país do que é, já foi mais rico para os seus do que é, e mais ligado ao nosso continente, na época pré-cabralina, no Império e início da República, até o desvio da revolução de trinta por Getúlio Vargas. Por isso se renova, poeticamente, a reflexão de que aqui há algo a ser resgatado por todos nós. E a boa lembrança do golano Gilberto Mendonça Telles, radicado no Rio de Janeiro, e voltando ao seu Goiás, em raiz e poesia e num estudo de Darcy França Denófrio (*O Poema do Poema*), de Miguel Jorge, de Cora Coralina, esta já em caminho muito próprio e longo, Jesus Barros Boquady, José Godoy Garcia e seu esplêndido *Araquáia, Mansidão*. Em Minas, Dantas Motta trilhava este caminho das velhas Minas Gerais, fazendo na poesia os que Aires da Matta Machado, Joaquim Felício dos Santos e os membros da UVA fazem hoje, em Diamantina. No Rio de Janeiro, a poesia de Stella Leonardos tem esta força telúrica e de plantio de bens de raiz como e teve a poesia de Cecília Meireles, guardada intacta no seu tempo próprio. A poesia de Moacyr Felix, participante, de profundas raízes filosóficas, é um ponto sério como outros de individuação na poesia, pois soube entrar na poesia engajada, sem perder os seus laços com a poesia universal mostrando que a boa poesia é de lugar firme, independentemente dos movimentos e gerações a que se ligam os poetas. Sem ser propriamente da

geração de 45, deixando de haver o movimento participante poético da década de 60 e não se ligando a outro ponto, senão aquele mesmo que o ligava à poesia, Moacyr Félix deu lugar para muitos dos poetas aqui citados, em publicações de sua responsabilidade, e soube seguir um caminho próprio, de validade poética do naipe da própria poesia, embora afastado como muitos outros poetas — que muitos são os caminhos — desta conversão às raízes históricas e geográficas de nosso povo e do Estado do Rio de Janeiro, e das questões totalizantes provenientes desta busca. Júlio José de Oliveira, poeta de Miracema, mantém o lirismo da tradição poética, no interior fluminense, enquanto Otávio Mora procura a contradição da terra perdida, na grande cidade. Outros poetas fizeram idêntico caminho, nos últimos anos, mas infelizmente coincidindo com a decadência política, econômica e moral do Estado do Rio de Janeiro onde o espaço para uma poesia local, no pseudo-universalismo aqui vivido (fantasiosamente), fica bastante histórico o “atrás” no tempo. Tentei resgatar isto nos meus livros *O Galo é um Homem que CANTA* (Euclides da Cunha, Antônio Conselheiro e Mão de Luva), *Praça do Suspiro* (poemas de Nova Friburgo) e *Riô Parahyba* (Poesia e história da Paraíba e do Estado do Rio de Janeiro). O interesse local (Minas Gerais) demonstrado por outros livros meus — *O Cometa é um Homem a Cavallo* (poemas de Diamantina e da raiz de um país) e *O Ar de uma Raiz* (Santos-Dumont, Barbacena e o Correio Aéreo Nacional) dão a medida de perda de substância própria, no Estado do Rio de Janeiro, avassalado pelo tónus de grande cidade, esvaziado o seu interior. No Amazonas, existem vários poetas que percorrem esta estrada e nos dão a impressão de ter chegado ao mesmo lugar de raiz e nacionalidade, no mesmo ponto poético: Jorge Tufic, Luiz Bacelar, Alcides Werck, Anibal Beça, Elson Farias. Em Minas, ainda a extraordinária Adélia Prado e no Rio Grande do Sul, do antigo grupo Quixote de Escostaguy e outros poetas, o nome mais recente de Carlos Nejar, de obra vasta e consciente, com sua estrela, de brilho reconhecido, se voltando para este ponto. Em Belém, João do Rego Gadelha procura com a sua poesia e sua busca de poetas novos paraenses, editados em duas antologias, uma força que o Pará guarda nas suas lendas e na sua história. No Piauí, Arimatéia Tito Filho ocupa com clareza este lugar, acontecendo o mesmo com Nauro Machado, no Maranhão, num caminho semelhante a Jorge de Lima, enraizado e perscrutador, mítico e interno. *O Correio das Artes*, suplemento do

Jornal *A União*, dá a mensagem de novos poetas paraibanos, válidos nesta posição, e o faz com peso, na tradição de Augusto dos Anjos, Permínio Ásfora e José Lins do Rego. *A convivência Crítica*, de Hildeberto Barbosa Filho, do Conselho Editorial do *Correio das Artes*, procura de um panorama desta poesia paraibana de maneira análoga ao livro de Neroelde Pontes de Azevedo, *Modernismo e Regionalismo* (os anos 20 em Pernambuco). Estuda-se o regional sem perder o contacto com a poesia brasileira e a poesia como um todo. Caminho idêntico ao dos poetas aqui mencionados, de busca da origem no regional sem perder as ligações do país como perspectiva nacional e como um todo a ser alcançado pela própria Nação. O editor e poeta Sérgio de Castro Pinto dirige este suplemento, presente em sua nova fase por muitos números e aberto a todas as tendências literárias, e, proveniente da bela João Pessoa, se sabe que não acabaram no sul carioca, paulista e rio-grandense os pés de jambo e as árvores características locais ou as praias sem espigões em torno e alta poluição, mas a cultura mesmo a ser mostrada e aprendida pelo povo leitor (e os jornais são da maior importância neste cultivo e nesta aprendizagem). Em Brasília, Anderson Braga Horta, Fernando Mendes Viana, entre outros poetas, alguns deles ligados à *Revista de Poesia e Crítica* e antologias de poemas sobre Brasília e seu significado. Entre os poetas ligados à revista, estão Manoel Simões (do Paraná) com seu *Réquiem para Sete Quedas e Rudepoema* e Domingos Carvalho da Silva, por muitos anos radicado em São Paulo, o explicitamente ligado à geração de 45 e, portanto, fora dos limites deste trabalho. Sua importância como poeta não se esgota mas é a abertura dada, na revista de *Poesia e Crítica*, para todas as correntes que nos leva aqui a esta referência explícita e que se estende aos outros escritores, organizadores da referida publicação. Em Pernambuco, Aleixo Leite Filho, Waldemar Lopes, Cesar Leal e outros poetas estão nesta direção. E existem, em todos os Estados, poetas que assim caminham, geralmente como esses, por um ângulo de sua obra, e que alguém sempre se lembraria de citar, mas que se torna compreensível aqui o não fazê-lo, por não se tratar senão de uma profundidade séria e atual, em nossa poesia, aqui apenas ilustrada com os nomes que nos ocorreram, em primeira lembrança, nem por isso a mais fiel à realidade ou a melhor, efetivamente. Basta ver, agora, que já poderíamos mencionar no Espírito Santo, Almeida Cousin e em Santa Catarina, Maura

de Senna Pereira. Em São Paulo, Renata Palotini e no Paraná, Vasco José Taborda. Em Minas, Afonso Ávila.

Embora a ampliação dada ao tema, cabe-nos, de fato por gosto e por intenção, falar deste livro sintetizado de um momento de raiz e preservação da nacionalidade: o *Canto de Amor ao Ceará*, de Artur Eduardo Benevides. Livro que não fugirá por certo a argúcia de um Fausto Cunha, sempre atento (*A Garra de uma estreadante*, sobre o conto de Maria Amélia Mello). Será olhado de perto pelos olhos e trabalho profundos de crítica, da poesia brasileira atual, da escritora paulista Nelly Novaes Coelho. Será valorizado em Ribeirão Preto pelo sempre presente crítico Osvaldo Lopes de Brito.

Sintetiza ele o que existe de concreto na poesia brasileira atual e que se afastou do "vanguardismo" esvaziado e do radicalismo participante, cheio de significantes, na mais sectária linha do "pior" Lacan e do "pior" Marx, e de pouca concretude para a estrutura da nacionalidade, o livro de Artur Eduardo Benevides, telúrico, lírico, épico, arraigado nos costumes da terra, de bela estrutura poética e no encaminhamento das fases do livro, nos faz debruçar nele como uma janela no Ceará e faz-nos descer as ruas para conviver com sua intimidade: "Ceará não é terra. / O Ceará é canção. / Conheço o mundo e não vejo / terra de mais sedução / que chama os filhos e os leva / na palma de sua mão." (*Usando a Lira do Povo*).

Pacatuba, no livro, fica como a raiz do que foi Fortaleza, modernizada, em contraposição a um interior destruído pela seca mas real como Umbuzeiro, João Pessoa, na Paraíba. Mas não apenas isto: o amor à terra, pela vida rural e dura, conservadora, cruel muitas vezes, vívida no Império mas onde o Brasil se fazia, juntando-se o que aqui se tinha feito por índios, negros e brancos e o que se tinha destruído nos embates entre as raças e as lutas por riquezas e propriedades. Se o imperador D. Pedro II representava o equilíbrio desta construção, a República, da forma como foi implantada, sob o comando externo inglês e depois de um Estados Unidos já desviado do caminho trazido pelos pioneiros do oeste, na sua independência. De um país inglês, sem campo, ávido de indústria e de colonização externa, assassinados e vendidos os *Whigs* pelos *tories*. Na revolução inglesa de 1688, os Estados Unidos, na contra-independência da guerra de secessão, adotam a mesma postura industrial e fictícia de se imaginar

que se pode viver num planeta sem a terra, pisando a terra, adubando-a, dela colhendo os frutos da vida: "quanto soffro por ti, pois te desnudam e te tornam uma *girl made in Usa.*" (pág. 18). E, adiante, no mesmo poema: "Em ti me guardo, guarda-te em mim,/ minha pobre edelweiss, barco ancorado,/ minha guitarra se eu fora português". Esta consciência de que a colonização nos trópicos não foi boa, a partir de portugueses e espanhóis, mas, ao mesmo tempo, que havia aqui, no mundo português, uma mistura que ia resultando num povo agrário forte e, adiante, industrial, fica clara na inadequação ao modelo francês na República, logo avantajado o modelo saxão, com as reações já conhecidas, conservadoras ou de outros matizes ideológicos, até os nossos dias. Importamos aqui as reações conservadoras a esta substituição, definindo-se o conservador fora do privilegiado no campo que mal pisou a sua terra, que "ama" o investimento econômico sem prestar contas à natureza ecológica ou bela, que ganha mais torres nos bancos e no asfalto, sem dar importância ao campo e ética das propriedades e comunidades rurais antigas. Essas reações conservadoras, acrescidas do esvaziamento do campo, não são privilégio de alguns poetas aqui mencionados, já que se notam em outros como Augusto dos Anjos, no seu Engenho Pau d'Arco, na Paraíba, devorado por uma empresa anglo-francesa. Em *Meu Pai (Canto e Romance da cidade de Pacatuba)* estão todos esses elementos de definição afetiva e histórica, mostrando a força de Artur Eduardo Benevides: "E ao renovar em verso sua face/sinto que em mim nasce e renasce/ (qual estrela que quer mostrar seu brilho)/ o orgulho rural de ser seu filho." Poema que lembra muito os grandes versos de Augusto dos Anjos a seu pai; "Para onde fores pai, para onde fores/ irei também trilhando as mesmas ruas:/ Tu, para amenizar as dores tuas / eu para amenizar as minhas dores". A imagem do pai, conservadora, forte, afetiva, contador de histórias como o personagem de Chico Anísio (a "televisão" o levou — Para onde? Onde está? Em Pacatuba?), na espreguiçadeira, a cadeira de balanço ou rede, nos encanta: "Amava as cousas simples. Amava/mais estar entre nós do que partir./ Na atitude de ser, conservadora, a alma nem sempre sonhadora./ Mas era de esperar, não de pedir./ Meu pai tinha olhos de tigre/ e coração de criança./ Adiante: "Em casa contava-nos histórias/ e as lendas ganhavam em sua voz/beleza e glória. / E o poema segue até o final de sua identificação com o perdido lado

rural brasileiro, neste homem do império ou neste império brasileiro, de navegações cortadas outra vez após o novo cabo da Boa Esperança, guardado, ou D. Pedro II: "Morto, está. Árvore/vencida pelo tempo. Pássaro/ tombado de seu céu./ Não ouviremos mais as narrações/ de aventuras talvez imaginárias/pelas longas estradas dos sertões." (pág. 103).

O bom cantor trovador está em todo *Canto e Romance da cidade de Pacatuba*. Um pouco da lírica de Camões, de Casimiro de Abreu e de Gonçalves Dias e da musicalidade dos cantadores das feiras nordestinas. Uma maneira de fiar e fazer casas como se vê na praia da Raposa, em São Luiz, Maranhão, de migração de pescadores e rendeiras cearenses: "Meus pés molham-se no Atlântico/ Em Pacatuba, meu coração./ Eis o segredo do cântico./ Em dor de lamentação./ Muito mais que geografia/ é poesia o meu chão (*Definição* — pág. 87).

Arapongas, mandacarus, graúnas, bois, sol, lua, tropeiros, estrelas, serra, serestas, cadeiras na calçada, banda de coreto, assim se define Pacatuba para o poeta, cidade onde se erra com *decência e cresce como uma valsa*. Entre violões, serra, canções da terra, se viaja aqui e em todo o livro de Artur Eduardo Benevides como um cinema mudo de poeta que, pelo sentimento, em nós se torna falado, vivo, e retorna a tudo que em nós foi gostado.

"E não se sabe onde o sertão começa./ E não se sabe onde o sertão termina. (*Cântico dos Cânticos* — págs. 49 e 54). "Sou touro velho. Sou bargatão. Só vivo em paz no meu sertão. E pelo sertão da Paraíba e do Ceará fica a impressão de touro, de caminhada santa, a de Antônio Conselheiro desde Quixeramobim, encontro marcado com o fluminense, de Cantagalo, Euclides da Cunha, em Canudos, Bahia, para que nossa história perdida aí fosse registrada em um nada como vida degolada. Dos sertões de Macau, terra fluminense, Euclides saiu, e, em São José do Rio Pardo, tomou caminho em direção à Bahia, militar, engenheiro, jornalista, escritor da nacionalidade, neste encontro irremovível com Antônio Conselheiro em Canudos, perigrinando até a morada do grito, um pouco de terra e de infinito, do Ceará, que se ia até o chão da Bahia. É este sertão que se vê na Paraíba de José Lins do Rego e de Augusto dos Anjos, pelo Paraíba do Norte, do-brando Pilar, indo a Sapé, subindo no caminho de Umbuzeiro, e mudando o curso para o Anel do Brejo, até buscar a Serra da Raiz, antiga aldeia Central dos Potiguaras. Assim

também era o Sertão de Macau, terra de Euclides, ou os sertões entre Lagoa Santa e os altos de Diamantina, terra do Gulmarães Rosa. Estes sertões, no Ceará, são colocados de uma forma épica, original, sentida e grandiosa por Artur Eduardo Benevides, na paisagem, no homem, nos bichos, na flora, nos rios, na seca: "Nunca se sabe onde o sertão começa./ Nunca se viu onde seu chão termina./ O sertão, arco-íris que regressa, / é uma canção em nós. Ou nossa sina." (pág. 49).

A ligação entre Euclides da Cunha e Antônio Conselheiro, torna-se explícita em *Canto de Verão no País do Nordeste*: "O verão cresce. E anoitece nos mal-assombrados sobrados/ que sustentaram o Império nos sertões./ É um mundo em desafios, erguido nos seus brios, onde o olhar de Euclides descobriu virtudes./ E há um desfilar constante de ataúdes./ Os pés do Conselheiro prosseguem a rasgar/ caminhos de quem sonha, amplos como o mar (pág. 150).

No primeiro *Violeio* deste *Canto de Verão* deixa explícito o poeta o lado amargo do sertão devastado. Sertão, que no início da colonização, como o país no nordeste de que ele fala, se distribuía no litoral dos potiguaras e no interior dos tapulas como áreas verdes de rios caudalosos que a predação do pau-brasil e a queima de florestas inteiras, primeiro para a lavoura de cana e caça ao índio, e depois como armadilha dos índios contra os invasores (detalhadas nas descrições de Bardeus, do governo Nassau) e, depois, ainda, pela destruição de novas florestas para pastos e para deixar distante a presença dos índios nos sertões, acabaram de uma forma ou de outra, destruindo o regime de distribuição de chuvas, diminuindo progressivamente o período entre as secas, no último século, e aumentando a intensidade das enchentes, por falta de flora. A dor do homem nordestino é mostrada na condição anônima, de pássaro solitário. "A todo instante,/ andorinhas, a planar, sòzinhas/ transformam a liberdade em maldição." E adiante: "E todos (mesmo calados) gritam:/ o homem, o asa branca. O carcará./ A terra. A casa grande. O sabiá." (pág. 150) A visão da resultante de uma colonização predatória que não se tentou reparar senão em poucos momentos de República (Epitácio Pessoa, João Pessoa) e no Império, D. Pedro II, com muitas dificuldades aí para uma restauração em grande extensão, fica bastante clara em *A Terra Cearense*: "As queimadas e a múltipla erosão/ vão consumindo, aos poucos, a paisagem./ Nunca se adubam

as terras e a voragem/ das secas faz total devastação./ O verde morre. Agora, no sertão/ O chão é grande e estranho personagem/ que as heranças perdem e sem linhagem/ Desperta a mais sofrida compaixão./ O solo é bom. A terra satisfaz. / A gleba é generosa e bem feraz / E nas primeiras águas reverdece./ Contudo, abandonada em si encerra./ Parece a geografia de uma guerra./ E a própria natureza aqui se esquece." (pág. 39).

Nos sonetos telúricos e sentimentais: *A Terra Cearense, O Juazeiro, O vaqueiro, Sertão, Memória, O Velho Cangaceiro, Mãe Preta*, o poeta mostra-se um sonetista de muita força como Nauro Machado, no Maranhão. No entanto, o verso de seu soneto trata claramente da geografia e da história nordestinas, aproximando-se mais do soneto camoniano do que do soneto de Jorge de Lima, mais próximo do maranhense Nauro Machado. Mais próximo ainda do soneto camoniano, *O Ofertório* (pág. 120), em *Outros poemas de Pacatuba*: "Neste cantar de amigo, em guitarreios,/ Um soneto te dou. E ao longe dóis./ Bem triste é meu descanto. E sob sóis/ Ao te pensar outrora sinto enleios."

Notícia da Última Volante, nos seus *Poemas e Canções* dá a medida da transformação ou migração do cangaço, hoje em dia piorada e disseminado como grande metástase nas grandes cidades brasileiras do Sul. Não se acabou com o cangaço. Destruiu-se, com as estradas e empobrecimentos sucessivos da área rural nordestina, os cangaceiros e, aparentemente, o cangaço. Mas ele reapareceu nas grandes cidades do sul de forma disseminada, alarmante e talvez ainda mais cruel, pelo seu rodízio diário e incessante, que a ação do bando de Lampião e outros cangaceiros, em povoados nordestinos: "E matar é um lazer. / Se pune, é imune: é o poder./ E jamais sossega./ Seu clima é a refrega./ E cospe e tripudia/ sobre a sesmaria." (pág. 70).

Não se pode deixar de ver em Artur Eduardo Benevides o construtor vivo desta poesia de geografia e história brasileiras, de características épicas e líricas, e disseminada, sem qualquer interligação formal, por todo o continente brasileiro. Um barro de identidade nacional que se faz como se amasse pacientemente a argila e se cose, depois de lhe ter dado uma forma real mas que não se desprende do simbólico. O descritivo, o geográfico, não tira a força dos versos como bem mostra o apresentador do livro, José Alcides Pinto. Ao contrário, o detalhe de cada coisa revelada é como um tesouro

que o poeta como Aladim recolhe do fundo de uma terra guardada para uma época futura, de reparação rural, que há de vir, em mutirões precisos que possam aproveitar os vastos lençóis d'água nordestinos em poços artesanais ou o plantio de árvores, nas margens, cabeceira se microfloreas polivalentes, logo após a época das cheias.

Em *Canção das Feiras do Ceará*, o poeta nos faz visitas de uma forma gostosa e detalhada, cheia de movimentos específicos, para os não habituados aos produtos de uma feira cearense: "E tenho o fumo relado./ Tenho o pó de cajuaba./ Tenho banha de galinha./ E a vassoura piaçaba./ E carne assada no espeto./ O milagroso amuleto./ E rendas, e labirintos,/ e cestas, peles e cintos,/ o pão, a mão-de-pilão,/ os legumes de vazante,/ carne-de-sol e de avoante,/ balão-de-dois e pirão./ Ninguém sai de cara feia./ Aqui tem sapato e meia./ Tem folhetim de cordel./ O quebra queixo e o anel./ E muita jaca e cajá/ nas feiras do Ceará." (pág. 29).

Os símbolos chegam aos versos do poeta como fatos da realidade modificados pelo olho do sentimento. "Vou dar ao meu povo uma nova embarcação. Olho agora e me comovo: perdo, lento, o rosto e o chão." E esta embarcação é uma jangada molhada "no pranto dos que, amando, foram mortos./ Meu povo quer em paz chegar aos portos./ Ao vir do dia, crescer em liberdade,/ junto aos pombos da praça, na cidade./ E saber que os abismos se fecharam./ E os exércitos se foram e não voltaram. / E uma canção reluz na multidão./ (*Meu povo* — (pág. 129). Tom do poeta de origem sueca, Carl Sandburg, em *O Povo, Sim*, cantando a indústria, o metal, mas lamentando sempre o desvio da independência norte-americana para o caminho dos *tories* e da Nova Inglaterra.

Os temas de Artur Eduardo Benevides se desdobram em nossa poética, vistos de cada ângulo criador. O de Antônio Conselheiro e Euclides da Cunha, é tratado pelo poeta fluminense Fernando Henrique Gonçalves, no livro *Aunque Sea un Fuellazo*: "João Abade apresento-me/resgatado no frigid/ de Canudos por Euclides / da Cunha para o porvir./ Vos contarei uma história/ que é para boi não dormir./ Uma história diferente — porque houve rendição / da que Antônio Conselheiro/ com pólvora na oração/ e mão de Beato-em-chefe/ puxou do fundo do chão." (pág. 21).

Da mesma forma que Luis da Câmara Cascudo evoca poéticas histórias do folclore do Rio Grande do Norte e do Brasil, a partir de suas origens nordestinas, do que lhe contavam, e

Tiago de Melo faz o mesmo com Manaus, em depoimentos de rara beleza, publicados recentemente, há uma noção aqui despertada de que o poema do regional que chega ao nacional, ao país, do fruto que provém determinadamente de uma raiz, do brilho que está no diamante bruto inserido, no filho que guarda em si o pai vivido, a noite que tarda que cabe na manhã que sabe dela ao amanhecer, todo este saber concreto e seu objeto sonhado, é um livro assim como o de Benevides, e cada um outro que foi feito, desde a *Luta do Caboclo Mitavaí Contra o Monstro Macobeba*, publicado na década de cinquenta pelo editor Sávio Antunes, e criado pelo gênio e o saber de M. Cavalcanti Proença, a raiz e o país, num só homem. Este lado épico, de lutas, está gravado em nosso país, nas lutas pela conservação do nosso espaço territorial, na vinda de D. João VI até D. Pedro II, na figura de João Pessoa, nos feitos de Eduardo Gomes, no CAN, na colocação do âmago brasileiro por Juscelino Kubitschek, em Brasília, nas lutas pelo diamante e contra o intendente na velha Diamantina, na fundação da aldeia de Cantagalo, por Mão de Luva, na luta de Antônio Conselheiro, em Canudos, e mil e um fatos de índios, negros e brancos pela posse de nossa terra para os brasileiros.

A questão é brasileira e atual, retornando a cada ponto mais distante de nosso território. No prefácio do livro de poemas "Os periquitos comem manga na avenida", de Fernando Canto, nascido em Ubidos, no Pará e criado em Macapá (Amapá), Alcyr Araújo coloca esta questão da raiz e do país e que o poeta desenvolve em todo seu livro (Departamento de Imprensa Oficial, Macapá, 1984): "Este livro é a encadernação de um balé de asas, peixes, árvores, águas levantadas, e gritos paridos na catedral da floresta. É a brochura sociológica de desesperos, esperanças, violações ecológicas, estupros urbanos no chão gotejado de suor suado e amálgama de desesperos paralíticos de caboclos, de gente de pele d'África, de boêmios, poetas e prostitutas açoitados e cururus soltos."

Corta-se, pois, esta continuidade da floresta Amazônica no Amapá, pelo manganês, em Rondônia pela cassiterita e outros minérios, em Jari, pelo alumínio, em Carajás pelo ferro, e tudo o que se puder imaginar de minérios raros como estrelas de nêutron. Faz-se isto pela extração e envio para fora das riquezas como na terra nordestina se acabou com a mata pela cana-de-açúcar e gado. Em realidade, a questão ain-

da é mais grave que o aspecto mecânico do roubo, da espoliação, ou seja qual for o nome que se dê a isto. Trata-se da fabricação utópica de uma nova natureza e de uma nova sociedade pela Invenção e produtos industriais fabricados em série e significantes no processo de estruturação social, a partir dos países do frio e de fora, não importando para nós, substancialmente, qual a ideologia que rege esta industrialização demolidora da natureza, equilíbrio ecológico e vida do homem nos países tropicais.

Não quer por certo dizer que seja esta a posição de Artur Eduardo Benevides em *Canto de Amor ao Ceará* nem a de outros poetas aqui citados. Esta poesia aqui representada tem um denominador comum mais simples mas que se torna complexo e amplo no seu movimento intencional, o de que uma raiz verdadeira está ligada ao país como um todo e que se reverte em benefício de sua gente. A Ilha de Vera Cruz se transforma ponto por ponto na Terra de Santa Cruz e esta, pelo sentimento e a reflexão, como um todo aberto se guarda em cada ponto concreto para sua gente. Como Artur Eduardo Benevides faz em todo seu livro *Canto de Amor ao Ceará*. O pau-brasil, a madeira de tinturaria, terá de ser replantada dentro e fora de nós. Para que os brasileiros existam como os nossos antepassados índios.